

FOTOBIOGRAFIA DO CARDEAL CEREJEIRA



INTRODUÇÃO

Agradecimento pela oportunidade que me é dada de

1. situar a figura do Cardeal Cerejeira no seu tempo; não através da história mas enquanto testemunha da sua vida – incompleta testemunha já que nasci no ano em que D. Manuel Gonçalves Cerejeira tomou posse do seu cargo de Cardeal-patriarca de Lisboa, nomeado pelo Consistório de 1929;
2. "Contemporâneos, solidários no tempo e na experiência, formamos um grupo, porque partilhámos um breve momento do Universo" (Seabra Diniz).

Fundação Cuidar o Futuro

A narrativa dos contemporâneos talvez acrescente algum traço à biografia; nesses acrescentos se desenha com mais factos, embora em tons menores, o sujeito da biografia.

É essa tarefa que me cabe hoje.



BIOGRAFIAS E FOTOBIOGRAFIAS

- 1 reflectir sobre o que se diz e o que se quer quando se produz uma fotobiografia;
- 2 As biografias sofreram nos últimos anos uma grande transformação.
- 3 A dois níveis: ao nível do sujeito que enuncia e ao nível da interpenetração da escrita e da imagem.

Todas as formas de biografia pretendem ser uma tentativa de captar alguém no **tempo objectivo** em que viveu, com suas características socio-económicas, culturais, políticas.

Mas esse tempo objectivo não é apenas um quadro, um contexto, a explicar atitudes, prioridades, decisões.

É também uma forma de interrogar o que dele dizem os seus contemporâneos, participantes desse tempo objectivo. E assim delimita-se um espaço que, na sua imobilidade, diz um tempo preciso.



TEMPO SUBJECTIVO

A esse tempo objectivo há que juxtapor o tempo subjectivo, o único tempo que cada pessoa – e só ela – vive e conhece.

O tempo subjectivo é o tempo vivido e experimentado. É o império interior do sujeito, colado à pele, seu e só seu. O Cardeal Cerejeira, tendo decidido não escrever as suas memórias, deixou bem clara a importância desse tempo subjectivo e, ao dizê-lo, aproximou-se do Poeta seu contemporâneo.

Diz o Cardeal:

“Boa ou má já tenho uma história, a minha história.”

Diz Fernando Pessoa, pela boca de Alberto Caeiro:

“Se, quando eu morrer, alguém quiser escrever a minha biografia,

É muito simples.

Só tem duas datas – a da minha nascença e a da minha morte.

Entre uma e outra coisa, todos os dias são meus.”

Muitas vezes este tempo subjectivo é incompreendido: sobretudo nos grandes acontecimentos que podem ser tragédias, em atitudes que ferem a comunidade dos crentes. Por isso, o Senhor D. José, escrevendo sobre o relacionamento entre o Cardeal Cerejeira e o Estado Novo, cita palavras do Cardeal, já em 1939:

“Uma sociedade que não assegure salário vital a uns, enriquecendo desmedidamente a outros; que não assegure protecção na doença, na invalidez,

na falta de trabalho

- é uma sociedade em estado de pecado mortal.”



Esse tempo subjectivo não se contrapõe ao tempo objectivo. Completa-o. Pode até deslocar-lhe os pontos mais relevantes. Obriga-o a uma leitura mais complexa.

LEITURA DA IMAGEM NA FOTOBIOGRAFIA

Uma fotobiografia é obviamente diferente de uma biografia "tout court". Nela se podem "ler" outros aspectos de uma biografia que podem eventualmente chocar com o texto.

Assim:

1. a um primeiro nível, lê-se a mobilidade social de uma família em meio rural, possível quando havia vontade dos pais e os filhos eram em qualidades de aprendizagem, fora do comum;
2. lê-se ainda o vínculo afectivo à família o que se vai repercutir na atitude afectuosa e carinhosa com que se relacionava com as pessoas e o equilíbrio emocional relativamente às dificuldades com o Estado Novo
3. a linguagem gestual, a postura (alguém que se sabe controlar, seriedade em todas as condições, modéstia do olhar...)
4. distância entre o modo eclesiástico, institucional como o Cardeal Cerejeira aparece nas fotografias (sobretudo através da roupagem e das personalidades de que está rodeado) e o que dele é dito no seu vínculo aos pobres, presos,
5. a solidão do pastor em todas as circunstâncias – pode estar nas circunstâncias mais importantes, ser até a figura central mas, talvez por isso, aparece-me como se estivesse sozinho



A IGREJA PARA O MUNDO

1. Linha condutora de toda a sua vida: Igreja-para-o-mundo

“Deus amou tanto o mundo que lhe mandou o Seu Filho”

3. Igreja redefinida como povo de Deus – emergindo das numerosas figuras da Bíblia
4. A figura do Bispo como tendo o carisma que torna possível o caminho da unidade
5. Solicitude pelos padres, o primeiro círculo dessa unidade

“Não se perdeu nenhum dos que me confiaste.”

Como escreve D. José Policarpo,
A linha estruturante da sua intervenção cultural
É a reflexão da sociedade, na matriz complexa dos
seus problemas e da sua evolução, em chave cristã.
Porque é clara a matriz cristã da nossa cultura.

A sua última lição em Coimbra foi ainda um apelo ao
contributo dos cristãos para a construção da
sociedade.

III UM IMENSO TRABALHO DE EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL E DE TREINO DE LEADERS

A par de muitos grupos com carácter de beneficência,
A orientação da Acção Católica em todo o país e em todos os meios sociais:



Método: VER/JULGAR/AGIR – formação na análise e na acção

Novidade: o padre como assistente eclesiástico mas a liderança dos militantes;

Organização por meios sociais e não por paróquias

Liderança: jovens/adultos

Mulheres /homens

Fundação Cuidar o Futuro

Escola de pensamento: Bergson e a filosofia do devir,

Não valores estáticos mas valores de movimento e mudança

Maritain, um intelectual no mundo
(cooperação pluralista entre os homens de diferentes crenças na prossecução do bem comum da vida política)

IV TESTEMUNHOS

Congresso da JUC



Graal: "vocês não mudaram, mas eu mudei. Venho mudado pela Igreja universal que vivi no Concílio." (humildade, aos 75 anos)

Fundação Cuidar o Futuro

PERSPECTIVA CRISTÃ DE BIOGRAFIA

Que outro olhar podemos ter lendo e vendo esta fotobiografia?

Seria bom olhar o Cardeal Cerejeira e tentar perceber como em que perspectiva se pode entozar a sua vida. Apenas uma pincelada cuja linha de fundo fui buscar ao grande teólogo que foi Michel de Certeau:



Senhor Cardeal Cerejeira:

Ajude-nos a tirarmos todas as consequências da certeza de que "fazemos falta"

E de que as gerações mais novas e futuras nos "fazem falta"